

CHINA — PONTE SOBRE PILARES.

Os CHINEZES, povo verdadeiramente singular sob varios pontos de vista, distinguem-se mui particularmente pelo caracter, para assim dizer, typico de todas as suas construcções, já religiosas, já civis ou militares, algumas das quaes podem sustentar o parallelo com as mais arrojadas obras produzidas pela engenharia moderna.

Em nenhuma das edificações comtudo os chinezes mostram possuir tão extensos conhecimentos architectonicos como nas das pontes, que em grande numero se encontram pela superfície do imperio celestial.

A mais notavel de todas as pontes que existem na China é a de Suen-tcheou-fou, na provincia de Fo-kien. Tem mais de mil e duzentos metros; é sustentada sobre duzentos e cincoenta grossos pilares, que terminam de uma e outra parte em angulo agudo. Todas as pedras empregadas são de dimensões enormes, custando a comprehender como se pudessem conduzir aos logares em que se acham collocadas.

Em Fou-tcheou-fou, capital da mesma provincia, existe uma outra ponte quasi tão admiravel como esta, por quanto o rio sobre o qual foi lançada não tem menos de dous kilometros de largura; mas excede a todas sem duvida, no arrojado, na ligeireza, e até na elegancia, a que existe na provincia de Chen-si. Pode comparar-se, pelas suas dimensões, aos mais excellentes trabalhos que nos legaram n'este

genero os romanos, aos quaes aliás é mui superior no systema geral da construcção. Aquella ponte é a que a nossa estampa representa com toda a fidelidade.

ARCHIPELAGO DE CABO VERDE.

HAVIA tambem no seculo 17.^o um porto chamado dos *Mangués*, que me parece hade ser o que actualmente se nomêa *Mangue*, conjectura que procede da muita similhança de nome. Confesso porém que se a minha supposição é exacta ha hoje uma bem grande differença entre o que então era, e é hoje: aquelle iam, e fundeavam bem á vontade alterosos navios, e este hoje apenas pode ser visitado por humildes lambotes. Se ambos não são realmente senão um só e mesmo porto, digo eu que as revoluções maritimas tambem tem aqui causado profundissimas alterações: mas se elles são distinctos, ainda essas alterações foram mais profundas, pois não ha quem dê noticia d'esse porto dos *Mangués*. Em todo o caso, ou como materia a estudos e averiguações, que podem ser de grande utilidade, ou como uma recordação historica, parece-me que não fiz mal em consagrar estas poucas linhas a este assumpto.

O porto da *Villa da Praia*, que é sem contradicção o melhor da ilha, e que entre todos os da provincia occupa o segundo logar, demora ao S. É uma

FEBREIRO 18. 1854.

As igrejas de Nossa Senhora do Rosario e a da Misericórdia, que ainda existem, posto que n'um deploravel estado de ruina, principalmente a segunda, e a da Sé, ainda em soffivel estado, parece que estão ali para condemnar os governos que Portugal tem tido ha um seculo atraz pelo seu criminoso desleixo, ou seu odio mal disfarçado, e para convidar a geração actual, tão descuidosa e ingrata, e tão inimiga de si mesmo, a que volte a melhores sentimentos, mostrando-lhe o nada das grandezas humanas, e que só a religião catholica é eterna. Tudo caíu em derredor d'ellas, ha um seculo que as ruínas se amontoam por todos os lados, já pela acção destruidora dos tempos, já pela picareta demolitoria, só a cruz está ainda em pé, e estende os braços para que n'elles se lancem os homens se querem ser felizes mesmo n'este mundo.

Esta igreja do Rosario, que por alguns annos serviu de Sé, consta que foi mandada construir pelos christãos de Guiné (quando ainda lá havia christãos), aos quaes ajuntaram seus donativos os pretos naturaes da ilha. Era ella muito rica em ornamentos e alfaias preciosas, que os francezes saquearam em 1712.

Do grande numero de ermidas e capellas que havia, já nem uma se vê!

A igreja e o convento dos frades capuchos, cuja ordem foi extincta em 1834, pode dizer-se que já não existem pelo desleixo dos homens que governaram a provincia até 1840, ainda mais que pela inclemencia das estações, e pelos estragos do cupim. Em 1842 mandou-se tirar uma porção de telha para se não perder como a outra que já tinha caído com a armagão do telhado, e algumas poucas alfaias que haviam escapado á rapina; e em 1845 já sómente se viam de pé algumas paredes, que se iam esboracando pouco a pouco. O seminario diocesano, que não chegou a concluir-se em 1826, apenas conserva a frontaria e as paredes lateraes com algum vigamento podre e carcomido; o palacio episcopal, inhabitavel, é de todos os edificios o que tem resistido mais, porque sendo abandonado no tempo do bispo D. Fr. Pedro Jacinto Valente em 1754, apenas com breves intervallos serviu de residencia aos srs. bispos, e desde 1826 nunca mais se fez caso d'elle. Pode por tanto dar-se mui bem a esta povoação o nome de *cidade das ruínas*, que lhe quadra muito mais, que o faustoso de cidade da Ribeira Grande, com que ainda a appellidam, e que é uma ironia bem amarga, ou uma mentira bem inutil.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

SANSÃO NA VINGANÇA!

(1850)

E sacudindo Sansão com grande força as columnas caiu a casa sobre todos os príncipes, e sobre todo o povo que estava n'ella; e foram muitos mais os que matou morrendo, do que os que matara antes quando vivo.

Juízes, cap. XVI. v. 30

VII.

FATALIDADE!

QUANDO João Antonio caminhava de Matapau para o cas da Alandega, ia calculando que o espera-

va a bordo um bem merecido castigo, como falso denunciante, e que parecia haver molado dos seus superiores, ao passo que Ahuy estaria livre e a rir-se da sua imbecillidade; aquelle projecto infernal de incendiar a fragata tornava de novo a apparecer-lhe como um meio de salvagão, e resolvido a executal-o tratou de buscar coragem na embriaguez; os soldados que o acompanhavam não eram dos mais cegos respeitadores da disciplina, e por isso entraram com o prezo em uma botica chineza de vinhos e licores, e a convite seu beberam largos tragos de aguardente. João Antonio preveniu-se ainda escondendo uma botija entre o capote e a fardeta, e já todos tres alegres, embarcaram n'um escaler, e atracaram á fragata depois da uma hora da tarde.

O commandante e Osorio passeavam na tolda, e o guarda-marinha Pereira, que estava de quarto, veio entregar-lhe o officio de Innocencio, que relatava a historia de Matapau nos termos menos capazes de provocar a colera do chefe contra o fiel de artilharia; entretanto o caso era grave, e o commandanteolveu-se para João Antonio fallando-lhe irado, até ao ponto de lhe lançar a mão ás barbas e sacudir-lhas com força:

— «Heje é um dia solenne,» concluiu elle, «não ha castigos a bordo d'este navio... mas amanhã... oh! amanhã conhecerás se podes divertir-te impunemente comigo.»

— «Não ha polvora nos paiões volantes, a que havia gastou-se quasi toda na salva,» disse o guarda-marinha para distrahir d'aquelle ponto a attenção do commandante; «se v. s.^a da licença vae-se tirar ao paiol.»

— «Pois sim, mas tomem conta com esse fiel de artilharia, que está talvez já embriagado, não faça alguma das suas.»

— «Como o guarda-marinha Innocencio, que é o encarregado do paiol, está em terra, e eu de serviço aqui, mando o cabo da guarda assistir a tirar a polvora.»

— «Pois sim,» respondeu o commandante, e virando se para a amurada encontrou Osorio de oculto em punho olhando attentamente para a Praia Grande.

— «Que ha ali, que tanto o attrahê?»

— «Oh! nada de valor, uma cavalgada, algumas senhoras...»

— «Vae Eugenia?»

— «Sim, parece-me que é aquella amazona da pluma branca no chapéu.»

— «Não ha em um dos seus dramas uma historia de uma dama de pluma branca no chapéu?»

— «Creio que sim; mas não vejo a que proposito...»

— «Foi uma lembrança como outra qualquer. E agora me recordo, a pobre dama morria ás mãos do marido por causa de um amante...»

— «Éspero em Deus que não succeda o mesmo á pobre Eugenia.»

Osorio vira desapparecer a galope o cavallo que conduzia a bella italiana, ficou perturbado e as palavras do commandante augmentaram o seu enleio; tratou de mudar de assumpto, e continuou a passear pela tolda com o seu interlocutor.

Entretanto o guarda-marinha Pereira chamou o cabo da guarda, mandara apagar o fogo e qualquer luz que houvesse a bordo, e entregando-lhe as chaves do paiol da polvora que recebera das mãos do segundo commandante, recomendava-lhe a maior attenção para aquelle serviço. Já o cabo d'esquadra ia na proa, e ainda o joven guarda-marinha bradava:

— «Cuidado com o fiel, olhe que não desça ao paiol com sapatos de taixas; escusa de levar a lanterna propria do paiol; para tirar meia duzia de cartuxos vae bem mesmo ás escuras.»

João Antonio retirou para a prôa logo que o commandante lhe largou as barbas, e ouviu a ordem para se ir mecher na polvora; disse consigo que era o diabo que encarregára de uma tal coincidência, e dirigindo-se ás fornalhas pegou de um pedaço de murrão, desceu para a despensa d'artilharia e meteu-o cuidadosamente dentro de um porta-cartuxo; depois sentou-se, e com um olhar desvairado como que interrogou aquellas anteparas; soltou uma palavra «seja!» com accento infernal, e pondo á boca a botija de agua-ardente, despejou-a até ao ultimo gole.

Mal tinha concluido, vieram dizer-lhe que trouxesse para a tolda alguns porta-cartuxos, o que elle logo executou, não se esquecendo de incluir o do murrão.

Fatalidade!... Se alguém se lembra de examinar os porta-cartuxos, salvava a fragata e duzentos homens!

Ao chegar á tolda, João Antonio viu cousa que lhe deu infernal prazer, e blasfemou:

— «Deus ou o diabo está pela parte da minha vingança; ali está Ahuy para morrer tambem!»

De feito, a lorcha havia chegado, e Ahuy, pallido, desfeito, ouvia as poucas, mas incisivas palavras que lhe dirigia o commandante, ao mesmo tempo que alguns soldados do batalhão naval desciam para a lorcha; era o destacamento que ia para a fortaleza da Taipa... estavam salvos!

O commandante depois de fallar com o chim voltou-se de novo para Osorio, e disse-lhe apontando para a lorcha que largava de bordo:

— Lá vae o destacamento, o sr. não o quiz acompanhar, não quiz ir governar por quinze dias aquelle prezidio da Taipa.»

— «É verdade que troquei esse serviço, com autorisação do commandante, mas hoje estou arrependido.»

— «Rapazes! rapazes! Ora ande d'ahi, venha comigo para terra, vou mudar de roupa e não tardo aqui.»

— «Não, não, commandante; não posso, não devo ir... desculpe-me.» E o pobre tenente afastou-se arrebatadamente do seu chefe, e correu para a prôa muito suffocado. O commandante sorriu-se, lançou um derradeiro olhar por todo o navio, e desceu para a sua camara.

Ao mesmo tempo o cabo da guarda dizia para João Antonio: «Vamos.» E o fiel de artilharia repetia com plácidez: «Vamos.» O malvado deu alguns passos, parou, e com um sorriso satânico, acrescentou mentalmente: «Inocencio está em terra, o commandante a bordo, Ahuy tambem... é pena que aquelle pobre Osorio não se lembrasse hoje de ir passear, terá sina de morrer queimado!... Já o 114 foi mais feliz, que lá vae chegando á Taipa!...»

— «Então vens d'ahi?»

— «Ahi vou cabo d'esquadra... Que pressa que elles têm!!... Vamos.»

E desapareceram ambos pela escotilha de prôa. O sino dava duas badaladas, depois outras duas, e ainda mais uma; eram duas horas e meia da tarde.

De repente um estampido medonho, um abalo subito nas aguas do porto da Taipa, e nuvens de fumo e chaminas que envolveram a fragata, chamaram as atenções de toda a gente da cidade para aquelle ponto... quando a fumarada foi impellida pelo vento, appareceu a nú a triste realidade! Al-

guns madeiros, que boiavam a par de muitos cadáveres, cabos e poleame que se enleavam em homens agonisantes... e entre estes viam-se desfigurados o tenente mouro Samgi e o guarda-marinha Pereira!... uma chuva de sangue, que tingia de vermelho os toldos da corveta americana Marion... gritos de agonia, estertor de moribundos, espanto, consternação, horror... eis-ahi o quadro que apresentava a Taipa! Os bravos americanos da Marion saltaram logo para dentro das ruinas da fragata, deligenciando salvar ainda alguém que lá pudesse estar, e n'essa occasião rebentaram os paioes volantes, que pouca polvora tinham, é verdade, mas que assim mesmo fizeram uma pequena explosão... porém os valentes marinheiros dos Estados-Unidos proseguiram impavidos na sua philantropica tarefa. Foram elles que salvaram das ondas os poucos que escaparam da explosão, e alguns que pouco depois morreram... Honra a esses homens, que dignamente capitaneava o commandante Glendy.

Perante aquelle espectáculo horrivel do aniquilamento de um grande navio, e da sua numerosa guarnição, occorreu tambem aos homens corajosos que estavam na cidade a idéa de voarem em socorro de alguém que houvesse escapado do incendio, e que corresse o perigo de morrer nas aguas por falta de auxilio; entre esta gente que corria ás praias e embarcava para o logar do sinistro, appareceu aquelle official de artilharia, que encontramos em casa de Murray, o qual saltando ligeiramente para dentro de uma lorcha, ia mandar remar com força para a Taipa, quando outro objecto, horroroso tambem, o fez suspender junto ao caes.

Eis o que elle viu. Um cavallo corria desenfreado pela Praia Grande, trazendo sobre o dorso uma bella amazona; mas o notavel era, que em vez de o soffrear, a linda senhora incitava o cavallo a galopar ainda mais com repetidas chicotadas! O official observou com horror aproximar-se essa mulher, e reconheceu que era Eugenia; quiz desembarcar para lhe acudir... mas já era tarde! O cavallo chegou, voando, ao parapeito proximo do palacio de governo, e galgando-o de um pulo, cego como vinha da carreira, abysmou-se nas aguas com a sua dona, que não deu um só grito a pedir socorro! Então o official fez vogar a lorcha para o sitio em que se sumiram cavallo e cavalleira, e viu apparecer á superficie das ondas unicamente o cavallo; de um salto arremessou-se ao mar, mergulhou, e trouxe acima seguro pelos vestidos um corpo, que encontrou sem movimento... era o cadaver de Eugenia!

— «Que amor!» disse consigo mesmo o militar. «só eu comprehendo talvez este mysterio; o que o mundo ha de tomar por um desastre filho do acaso... foi um suicidio!»

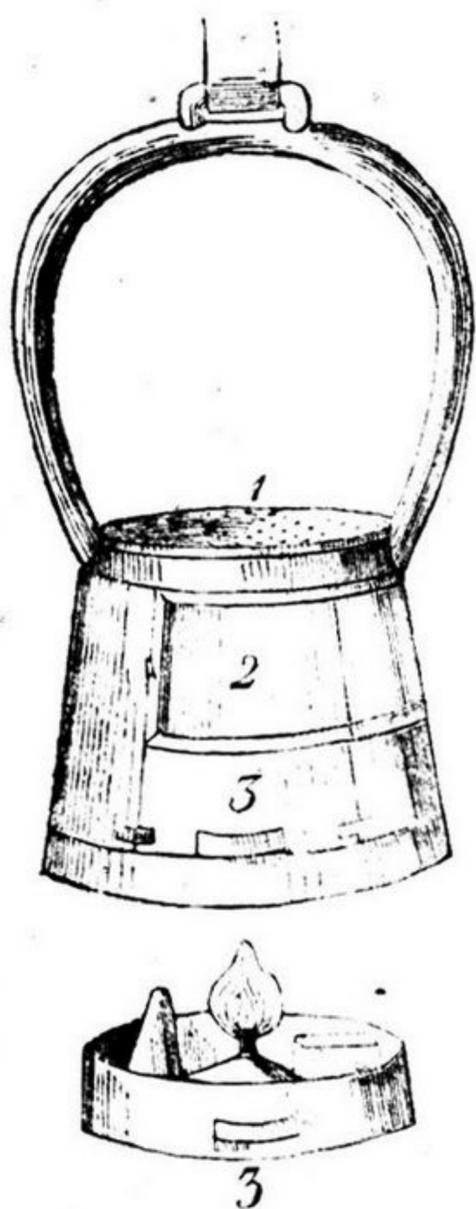
Não sabemos se este homem se enganava, mas é certo que por muitos dias nenhuma senhora de Macau se atreveu a passear a cavallo. Murray partiu no dia seguinte para Hong-Kong, e não tardou a regressar á Europa.

Floriana, a pobre timora, que estava na praia chorando pelas victimas da fragata, abraçou-se soluçando ao cadaver da formosa veneziana... ella, collocada no ultimo degrau da escala social, teve lagrimas para dar ao infortunio alheio!... Quaes eram mais infelizes, os que partiam ou os que ficavam?

Com o desastre da fragata D. Maria II acabava a ultima idéa de guerra com a China, a derradeira esperanza de se vingar a barbara e traçoira morte

do governador Amaral. As corvetas retiraram cada uma por sua vez d'aquellas paragens, e tratou-se unicamente de voltar ás antigas relações com o imperio celestial; deitou-se abaixo a porta do Cêrco, as forças chinezas não passaram para áquem da Casa Branca; depois foram reconhecidos os nossos consules nos portos do imperio abertos ao commercio europeu; e lá está de pé um tosco pilar no sitio do assassinato, indicando a nossa vergonha, como degenerados netos que somos dos vencedores do Oriente!

F. M. BORDALO.



ESTRIBOS-LANTERNAS.

Em 1816 um parisiense, provavelmente de origem estrangeira, mr. Schwickardy, impressionado dos inconvenientes e perigos a que anda exposto quem tem de viajar a cavallo de noute, durante a estação invernos, e por caminhos difficeis ou desconhecidos, inventou o *estribo-lanterna*, para o qual tirou privilegio de invenção.

O problema que mr. Schwickardy tinha de resolver não era tão facil como á primeira vista parece. Duas difficuldades de mor momento tinha elle a vencer: 1.^o evitar que o azeite se extravasasse em consequencia do saccudimento preveniente dos movimentos do cavallo; 2.^o assegurar a progressão regular da torcida.

As communicações necessarias da torcida com o deposito do azeite são mantidas por meio de um pequeno apparelho, que evita que aquelle se entorne. Para fazer subir gradualmente a torcida, serviu-se mr. Schwickardy do machinismo que Lambertin e Desais haviam anteriormente applicado aos candieiros, que se usam nas nossas salas.

Todo o apparelho, que o inventor designa pelo nome de *pyrophoro*, apresenta a forma de um pão de assucar, ou cône de folha de ferro: o azeite occupa o fundo (3); a parte superior está solidamente fixada ao estribo. Se o cavalleiro pretende empregal-o de dia para lhe aquecer os pés, conserva a lanterna fechada, salvo o numero de orificios necessarios (1) para a renovação do ar, e para dar saída ao fumo da luz. Se tem de se servir d'elle de noute, basta-lhe puxar uma pequena corrediça (2) por detraz da qual se acha um caixilho com vidro. O viajante, bem embrulhado em seu capote, com os pés sufficientemente aquecidos, vê o caminho, que vae seguindo, e pode d'este modo percorrer de noute, ainda no tempo mais tempestuoso, quaesquer estradas, por más que sejam, com toda a segurança e commo-didade possiveis.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em prauto
Valha a desculpa, se não vale o canto.

VIII.

NA cantata, o engenho em liberdade e mais senhor de si, legou-nos paginas, que nem Rousseau, o aperfeigoador da forma, nem o brazileiro Caldas (A. P. de Sousa) nem o mesmo Gargão excederam, se é que as igualaram. Os segredos quasi milagrosos, que a arte e a natureza ensinam, fecundadas pelo estro, revelam-se nas composições que nos deixou com este nome. Para o que a dor e o affecto encerram de recondito, sublime e melindroso, nunca lhe fallece a expressão e o matiz; para as commoções, em meigas ou atrevidas vozes, se exhalarem animando de sentimento, ou de fremente indignação o canto, tambem nunca lhe faltou a phrase e a imagem. No meio da tempestade das paixões, quando as trevas mais profundas cegam a alma, como é doce a maviosa sensibilidade, que as atravessa! Que magnificencia no verso, que opulencia nas figuras, que variedade melodiosa nas combinações metricas!

Das cantatas escriptas por Bocage quatro merecem o primeiro logar: a Medea, a Morte de Ignez, Leandro e Hero, e a Conceição da Virgem, não têm que invejar a nenhuma lyra: sobre tudo a que celebra a desventura do nadador de Abydos deixou tão longe mesmo as outras de Elmano, quanto se avanteja (em nosso ver) aos modelos nacionaes e estranhos pela originalidade, riqueza e movimento dos incidentes.

O Gargão, tomando para assumpto a desesperação de Dido, tira do livro IV da Eneida os traços mais correctos. Sua em rigor é só a ligeira moldura, em que o painel se imbebe. O esmero, a pureza, e a sobriedade attica, recebeu-as da imitação, embora formosa, do epico romano; assim as mesmas lagrimas, de que se molha o episodio de Virgilio, posto que antigas, e meias cobertas pelo véu do genero, vão mais directas ao coração, do que as modernas, demasiado frias para a exaltação, d'onde rebentam. Em Bocage não! A pintura nasce do ardor da alma, e da sensibilidade propria. Divisam-se em fugitivos accidentes as reminiscencias classicas, porém como accessorios unicamente. Lembra-se de Ovidio, e dos latinos; mas não os copia, nem se arrasta servilmente atraz dos seus vestigios. Comparada a

poesia portugueza com as duas heroïdes do auctor das *Metamorphoses*, o pensamento, o colorido, e o gosto attestam não deverem á musa pagã senão a indicação do motivo tragico. O amor e as suas tristezas, interpretado com sublime vehemencia, não dilue o interesse em conceitos aprimorados, que o amollegam como nas duas epistolas do Sulmonense. A narração dramática entrelaça os effeitos, e completa-se pelo terror. O theatro da catastrophe, o mar, embravecido em todos os seus horrores, é o immenso e espantoso fundo, aonde começa e se desata a acção. O pathetico procede da situação do mancebo, que buscando a luz nos olhos de Hero, encontra o Fado que

Punge, ameaça, desespera os ventos,
Enrola a morte nas horrendas vagas!

e das ancias da terna donzella, que suspira longe, combatida pelos desejos da paixão, e pelos presagios do desastre:

O estylo flexivel e apropriado veste cada lance moral, e cada accidente physico, da energia, e da representação natural, que lhe quadra. O verso doctro reflecte o toque mais fino da idéa, o cambiante mais transparente aviva na graduação do affecto. Ronca e troveja com a tempestade, altêa-se e recua como o nadador nas aguas; geme entre as rôxas agônias, que o suffocam; soluga com a extrema dor de Hero, que se despenha. As delicadas transições, que a palavra mal pode tornar perceptivas, acham expressão, nobreza e suavidade na deliciosa metrificacão do cantor. A harmonia imitativa, como em Virgilio e Horacio, tira effeitos seductores da collocação das phrases, e da conjuncção dos sons. Sente-se, ouve-se e presencia-se o doloroso spectaculo, desde a partida de Leandro, até ao instante em que Hero no seu delirio entrega o derradeiro gemido ao mudo amante. Na grandiosa visão dos phenomenos naturaes, Elmano fica a par dos maiores poetas descriptivos desde Camões: assim como elles retrata de vista a peleja dos elementos e o pavor do mais animoso peito deante d'ella. Escutemol-o alguns momentos:

Eis manso e manso as nuvens se intumecem
Eis o liquido pezo
Rompe os enormes, carregalos bojos,
Em torrentes susurra, e cae na terra.
Rebentam furacões, flamejam raios,
O estrondoso trovão no céu rebrama,
O Helospento nas rochas ferve e ronca.

Depois d'estes onomatopaicos versos, cuja excellencia uma analyse rigorosa faria sobresaír ainda, a dicção acalma, e o vate mudando para as meïastinctas, que existe o sentimento, endoudece o infeliz mancebo, e o arremessa ao pego, quando a sua perda é quasi certa.

Não menos vivo n'outro aspecto lhe saíu o quadro da morte de Leandro:

Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,
O tardo movimento eis lhe sobp'a,
Pelas aguas o imbebé, e d'Ibero o nome
Do arciado coração n'um ai lhe arranca.
Moxo, moxa, com as cavadas ondas
Vem, vem mil vezes o infeliz mancebo. . .

Um prezo transcrever tudo se quizessemos citar os trechos, tocados de notavel belleza. Illuminado de uma inspiração, que não desmaia, o engenhe vence a arte, e a arte envidar todos os prodigios. A

perfeição, com que foi acabado o canto, responde aos detractores, que rebaixando Bocage, o suppunham incapaz de uma obra de mais largas proporções. Na *Medea* e na *Ignez de Castro* admiram-se as mesmas qualidades, porém o grau que ascendem é menos elevado. A confrontação com a *Morte de Leandro e Hero* assombra-lhes o merito.

Resta considerarmos em Elmano o traductor, ou antes o quasi imitador, de Ovidio, de Delille, e de Castel nos combates de estylo, e na rivalidade de genio em que foi inimitavel. Usando-se com motivo dos seus triumphos, e fulminando na Pena de Talião a José Agostinho, que o accusava de verter por debilidade de invengão, o louvor foi então desculpavel, embora viesse da sua bôca. Transportar as riquezas de uma lingua para outra diversa, e algumas vezes opposta na indole e na construcção, ornando a phrase alheia de galas proprias, quando esmorece, sustentando-lhe o brilho quando fulgura, e ao mesmo tempo fugir da exactidão infiel e prosaica sem trahir o pensamento, requer um conhecimento tão intimo dos dous idiomas, e um tacto tão subtil em apreciar as opulencias e as pobrezaas de ambos, que torna o passo difficilimo, e a victoria quasi mais gloriosa, do que se a palma se cortasse no lavor de composições originaes.

Bocage nada omittiu para o conseguir, honrando-se com as apuradas versões, que andam nas mãos de todos como typos. Do latim traduziu o Canto de Tripoli e a Elegia a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de Cardoso: o Consorcio das Flores de Laeroix; fragmentos das *Metamorphoses* de Ovidio; e alguns epigrammas de Marcial. Do italiano, transportou o Atilio Régulo de Metastasio, e trechos da *Jerusalem* do Tasso. Do francez verteu os *Jardins* por Delille, a *Agricultura* de Rosset, as *Plantas* de Castel, a *Euphemia* de Arnaud, a *Vestal* de D'Anchet, e varias poesias lyricas, novellas fugitivas, epigrammas, e fragmentos de poetas elogiados.

Para tornar mais sensivel o merito da difficuldade vencida, seria necessario cotejar o texto com a versão, e diante d'esta ultima e verdadeira prova, proferir a sentença. Mas nem o espaço o permite, nem um ensaio como este offerece a margem indispensavel para isso. De mais, para que serviria repetir o que passou em julgado e ninguem contesta? Não se escusaram reflexões criticas e desenvolvimentos, aonde se descobriu alguma sombra mais escura, e menos justa; resplandecendo porém sem nodoas a formosura de que vale asseverar o que todos vêem? Severo, quando o deviamos ser, as qualidades e os defeitos do poeta foram sujeitos a uma balança imparcial; e se o erro tirou alguns quilates ao louvor immerecidamente, foi a intelligencia quem falliu. Manuel Maria não carece de que a posteridade negue a verdade, e ultraje o gosto para o exaltar. Sustem-se na grande altura, que tomou com o seu equilibrio próprio. Se lhe falta a rara perfeição, que em Virgilio suppre a imaginação creadora de Homero, e se não se abalança aos atrevimentos pasmosos de alguns auctores modernos, no seu tempo e na sua escola colloca-se entre principes da arte.

No capitulo IV indicamos as causas principaes dos lapsos, que disformam a elegancia e a concisão da sua phrase, a fobreza do estylo, e a harmonia da metrificacão. No capitulo VII avaliou-se a sua faculdade inventiva, e pelos trabalhos conhecidos ariscou-se a conjectura dos que seria capaz de emprender. Agora cumpre-nos encerrar a longa excursão intentada em uma provincia das letras, das mais arduas de atravessar.

A leitura attenta do poeta é mais do que sufficiente para se observar o resto. O methodo de Lacharpe, o exame parcial e miúdo de cada trecho, desmembrado verso a verso, hemestichio por hemestichio, daria em resultado a lição pratica, que só minuciosa analyse facilita; mas essa excede os limites e o sentido de um simples estudo.

A Elmano para ser o primeiro, depois de Camões, talvez não faltasse senão a epocha propria, e a vida mais larga. E a conclusão que auctorisa as suas obras. Com os annos, em mais ampla esphera, os defeitos, n'elle quasi sempre produzidos pelo ardor das qualidades, haviam de gastar-se com a lima, e desaparecer com a reflexão. A medida que o repentista fosse o inspirado poeta Bocage, pelo esmero das suas composições, subiria novos graus até chegar (quem sabe!) áquella eminencia rara, d'onde reinam sobre a admiração dos seculos os conquistadores intellectuaes, qualquer que seja a manifestação, que escolham para agitarem o mundo pelas idéas!

L. A. REBELLO DA SILVA.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

IV.

A estatua saía toda maciça da lagea. Para isto o conhecimento d'uma arte já adiantada era indispensavel. O emblematico destino do monumento, para que do mar fosse avistado pelos navegantes, parece obrigar-o a dimensões colossaes. O chronista não nos falla no primor ou na rudeza da obra. N'um ou n'outro caso a inverosimilhança pelas difficuldades inglorias não diminua. Mais improbabilidade no primeiro caso, e no segundo nunca a execução fôra tão facil, nem a imperfeição tamanha, que não tivesse bem caracterisados a posição, o vestido, o cavallo, e a inscripção, o que tudo accusa grande trabalho e soccorro d'arte, por menos correcta que a obra fosse. E tudo isto para que? com que fim, em mar de que não ha memoria ter sido jamais navegado antes de nós?

O dedo index da mão direita do cavalleito apontava para o poente. Esta circumstancia parece estar dizendo que a idéa da estatua e d'esta attitude é posterior á descoberta de terras occidentaes, posterior a 1492, em que Colombo fez sua primeira viagem. Até então a tradição d'estatuas em ilhas desertas, ou oceanicas, que pela feira arabe nos passara dos gregos e romanos, não falla d'estatuas equestres; sendo constante em repetir, que apontavam para traz, como quem indicava que para diante (para o poente) não havia caminho: — tradição que estava d'accôrdo com a sciencia de então, que negava a possibilidade de navegar no alto mar Atlantico. Para comproval-o, além do testemunho de Ibn-Vardi, Ibn-Said, Balui, Ben-Ayás, e Almadikari, que invocamos na II e III parte d'este trabalho, ainda agora diremos algumas palavras para maior illustração do ponto.

E hoje cousa sabida e incontestavel, que os povos, desde a maior antiguidade, costumavam erigir padrões, que markssem o termo de suas viagens. Muitos escriptores nos conservam memoria de se ter assim praticado, tanto na extremidade oriental, como na occidental da terra por então conhecida, erigindo columnellas, columnas, aras, etc. Nos padrões

reaes ou suppostos, que para o occidente assignavam termo á terra conhecida, collocados nos montes Calpe e Abyla, na boca do estreito de Gibraltar, chamaram os antigos columnas de Hercules, nome e idéa já conhecidos antes dos tyrios, que em tres expedições successivas vieram procurar aquelle extremo lugar da terra, na ultima das quaes, segundo se diz, fundaram Cadix.

Estes monumentos porém feitos pela arte, ou suppostos nos confins, foram-se multiplicando na razão das varias direcções das viagens. De columnas, tanto na Europa como em Africa, fallam Strabão, Seylax, Posidonio, Dionizio, Periégeta, Ethico, Prisciano, Hesychio, e Ptolephato. Ainda os portuguezes seguiram aquelle uso nas suas descobertas ao longo das costas africanas, deixando n'ellas padrões á proporção que proseguiram.

Da varia acceção que no grego tinha a palavra *stèle* (que a principio significava columna, e depois significou estatua) foi a idéa de columnas de Hercules passando de gregos e romanos aos arabes, que por uma vez as transformaram em estatuas (*Sanamon*, no arabe idolo, imagem, estatua): vindo d'ahi povoaram d'ellas terras e ilhas incognitas, nos confins da terra, de que dão testemunho muitos escriptores orientaes, (afóra os já apontados) de que faremos abreviada menção.

Masúdí, referindo-se a Ptolomeu, diz, que o Mediterraneo se principia no mar dos idolos de cobre (*columnas de Hercules*); e acrescenta, que onde o Mediterraneo e o oceano continam se levantou o rei Hirakl (*o gigante*) columnas de cobre e pedras, e sobre as columnas ha inscripções e figuras, que mostram com as mãos, que não se pode ir mais adiante. Dizem alguns que estas columnas não estão n'este estreito, mas n'umas ilhas do oceano, e das suas costas. No fragmento d'um manuscrito arabe, que se conserva na bibliotheca real de Paris, com o título *Akbar az-Zemân*, que alguns attribuiram ao mesmo Masúdí, o que o sabio orientalista barão de Slane põe em duvida; se lê a respeito do mar Atlantico, que elle a tem... idolos feitos por Abraham (*antigo rei dos arabes himyaritas*): uma d'estas estatuas é amarella, e faz signal com a mão, como se se dirigisse a alguem, ordenando-lhe que voltasse para traz. A segunda estatua é verde, e tem o braço levantado e estendido, como se quizesse perguntar: onde é que vaes? A terceira é negra, e aponta com o dedo para o mar, como para advertir que quem passar d'este lugar sera afogado. Esta estatua tem no peito a inscripção seguinte: Feita por Abraham Zul-Menar o Himyarita, a seu senhor o sol, para conciliar o seu favor.

Edrisi, fallando do Atlantico (*mar tenebroso*) e de suas ilhas, diz: «Ha n'elle duas ilhas chamadas as ilhas Afortunadas. Dizem que em cada uma ha uma estatua de cem covados d'altura feita de pedras, e sobre cada estatua uma figura de bronze, que indica com a mão o espaço que hea para traz. Os idolos d'esta natureza são seis, segundo se conta. E constata: «Quanto a Masfaham (*ilha*), o autor do *Livro das Maravilhas* refere, que no centro d'esta ilha ha uma montanha redonda sobre a qual se vê uma estatua de cor vermelha, elevada por Esaad-abu-Kerb-el-Hairi na sua expedição... (o qual) fez por ali aquella estatua, para indicar aos navegantes que, para além d'este ponto, não ha caminho, nem lugar onde se desembarque. Acrescentou-se que na ilha de Lam-Loch (*ou de Lagos*) se vê tambem uma estatua de mui solida construcção, a que é impossivel chegar. Diz se que aquelle que a fez erigir morreu...»

Além do que de Ibn-Wardy já transcrevemos a este respeito na 2.^a parte, o mesmo auctor ainda repete no capitulo das ilhas o seguinte: «Entre as ilhas do mar circumdante estão as ilhas Khaledat (*perennes, eternas*) e em duas d'estas ha duas estatuas de pedra muito dura, de altura de cem covados, e em cima de cada uma d'ellas está uma figura de bronze, apontando com a mão para traz, como quem diz: *Volta, que para ali não ha nada...*»

De Ibn-Said já transcrevemos o testemunho.

E não fica aqui a tradição de estatuas entre os arabes, já tambem em voga entre os cartographos europeus, antes das descobertas maritimas dos portuguezes, como tivemos occasião de notar fallando da carta dos irmãos Pizzigani de 1367, onde no extremo occidental, sobre um duplo circulo, assenta o meio corpo d'uma estatua rude e colossal, com o braço esquerdo levantado, e o direito, informe, apontando para traz, ao que os cartographos puzeram esta legenda. «*Hec sont statuæ q' stât ât ripas Atullis quâr que o fundo at'segurtart hommes navegantes quare est fuso ad este maria q' uoz poxit navigare et foras porreta statua est Mare sordequo non poxit intrare nauts.*»

Ainda depois de nossos descobrimentos, ainda depois de Damião de Goes publicar a sua chronica, continuou seguida a tradição de estatuas entre escriptores arabes, mesmo dos principios do seculo 17.^o, como já mostrámos na III parte, citando Bakui, Ben-Ayâs, e Al-makkari, a que agora juntaremos um novo testemunho dos principios do 15.^o.

Schems-eddên-Mohammed-ad-Dimischi diz na sua cosmographia: «Na praia d'este mar (*o oriental*) ha tres estatuas de pedra para a parte do norte, de figura horrivel, e as pedras de que são feitas foram lavradas nas suas planicies, e tiradas das suas montanhas. Cada uma d'ellas está apontando com a mão para a face do mar, dando a entender que n'elle não ha caminho, da mesma sorte do que ha na ilha de Cadiz, na Hespanha, e nas ilhas Afortunadas, dentro do mar Allablâba, aonde as tres estatuas estão igualmente apontando para dentro do mar circumdante occidental, que ali está proximo.»

Vê-se pois, que a idéa da preconisada estatua da ilha do Corvo não só era continuação das phantasias da antiguidade e da idade media, mas tambem desquitando-se da primitiva posição e significação, se inspirava já do moderno progresso da sciencia; e bem longe de advertir que a navegação occidental era impossivel, apontava, e chamava a attenção para o poente como para cousa conhecida! Parece-nos ver n'esta circumstancia o fio de uma fabula de sinistra tenção. Releve-se-nos que nos expliquemos sem reboço, porque mal pôde ser tachado de desnatural, quem por amor da gloria portugueza se dá a tão infadonhas indagações. Só sacrificâmos á verdade, e para entrar no caminho d'ella não ha poupar a menor conjectura, que proxima ou remotamente possa lá conduzir.

Ha uma suspeita que nos peza e tortura a consciencia se a calamos. Aquella estatua, aquelle apontar para o poente sobre tudo, não esconderá porventura uma inveja indigna, uma sinistra tenção de prejudicar á gloria de Colombo? Não seria que algum phariseu aproveitasse um boato innocente para o revestir de circumstancias calculadas, pondo até a patranha debaixo da égide real, com o fim de vincular de alguma forma á gloria portugueza, a gloria que Colombo acabava de ganhar para si e para Hespanha, quando a nossa fatal imprevidencia nol-a deixara primeiro sair das mãos? Se Goes o não explica pode bem ser que nem mesmo desse attenção ao al-

cance da noticia que archivava, ou que não tivesse força para resistir ao sophisma dos sacerdotes da mentira.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

BIBLIOGRAPHIA.

Ensaio sobre a cholera epidemica, pelo doutor Francisco da Cunha Vianna e Antonio Maria Barboza. Lisboa, 1854, 8.^o Preço 480 réis. (1)

Instrucções contra a cholera-morbus epidemica, pelos auctores do Ensaio. Ibid. Preço 100 réis.

O terrivel flagello, que a Europa conhece desde 1817 sob a denominação de cholera-morbus asiatica, parece aproximar-se ás nossas fronteiras. Se n'esta sua quarta digressão se suppõe ter assumido um character mais benigno, nem por isso nos cumpre menos de prevenir-nos para a sua, infelizmente, possivel invasão. Christãos roguemos a Deus, que afaste de nós o flagello; mas se é nosso dever confiar tudo da misericordia divina, a religião não se oppõe, e a prudencia aconselha-nos a que nos preparemos com todos os meios de que a sciencia humana pode dispor para attenuar sequer os effeitos d'aquella enfermidade, já que os não temos para a extinguir e debellar.

A publicação do trabalho dos srs. Vianna e Barboza foi pois nas actuaes circumstancias mui oportuna, e cremos que será ainda mais util.

Estranhos absolutamente á sciencia medica não podemos emittir opinião segura sobre a parte scientifica do *Ensaio*: cremos porém, que a mais valiosa garantia da sua excellencia é a reconhecida capacidade e talento dos seus illustres auctores, ambos mui distinctos facultativos do hospital real de S. José. Podemos entretanto affirmar que de todos os trabalhos que se têm escripto em portuguez sobre a cholera-morbus é este sem duvida o mais completo, e mais rico de esclarecimentos estatisticos, que hão de ser de um grande auxilio para o estudo da epidemia.

Ha porém no *Ensaio* dos srs. Barboza e Vianna uma parte essencialmente *popular*, que consideramos do maior interesse, e são as instrucções contra a cholera-morbus, de que mui avisadamente fizeram uma edição em separado. Contêm aquellas instrucções conselhos, que todos (qualquer que seja a posição social em que se achem collocados) podem entender, e devem acceitar, e cujas prescripções muito convirá que se cumpram escrupulosamente, por que a sua proficuidade está sancionada pela experiencia dos paizes estranhos, e mui especialmente da Inglaterra e da França.

Recommendâmos pois com todo o empenho o *Ensaio* e as *Instrucções* dos srs. Vianna e Barboza, que prestaram assim ao paiz, com o seu bello trabalho, um serviço importantissimo.

O editor do Panorama declara que o unico individuo encarregado por elle de receler assignaturas para o dito semanario na cidade da Bahia (imperio do Brazil) é o sr. Justino Severianno Paiva.

Lisboa, 18 de fevereiro de 1854.

(1) Estas duas obras vendem-se na livraria de sr. J. P. M. Lavado, rua Augusta n.^o 8.